

Entrevista com João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST

Entrevistadoras:

Profa. Dra. Cláudia Mayorga
Pró-reitora de Extensão da UFMG
mayorga.claudia@gmail.com

Profa. Dra. Natacha Rena
Editora-chefe da Revista Interfaces
natacharena@gmail.com

Transcrição:

Luis Augusto Menezes Costa
Bolsista de graduação da Revista Interfaces
laugmenezes@gmail.com

Fotos:

Lucca Gonzales Mezzacappa
Colaborador da Revista Interfaces
lucca.gonzales@icloud.com

“A principal bandeira de esquerda e dos movimentos populares hoje, nessa luta de classes contemporânea, é a luta contra a desigualdade social. Não há ninguém, de qualquer crença religiosa, etnia ou mesmo partido político que possa dizer ‘eu sou a favor da desigualdade’.” (STÉDILE, 2019)



INTRODUÇÃO

Esta entrevista¹ foi realizada especialmente para estrear a nova Seção da Revista Interfaces. Escolhemos conversar com João Pedro Stédile², economista e coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)³, considerado um dos maiores movimentos sociais do mundo, abrangendo por volta de 500 mil militantes junto à Frente Brasil Popular⁴.

Diversos temas discutidos ao longo da nossa conversa remetem à importância da Universidade⁵ como colaboradora das transformações sociais

1. A entrevista está disponível no canal do Youtube da Revista Interfaces. A conversa ocorreu no dia 17 de setembro de 2019 quando Stédile ministrava um dos módulos do Curso de Realidade Brasileira (CRB) que aconteceu no Sindicato dos Petroleiros (SINDIPETRO), em Belo Horizonte. O link para entrevista no Youtube está disponível em: <<https://youtu.be/SdgL6UZ-93s>>. Acesso em: 10 dez. 2019. O link pra entrevista postada na fanpage da Revista Interfaces, no Facebook, está disponível em: <<https://www.facebook.com/317262692390013/posts/523839771732303?sfns=mo>>. Acesso em: 10 dez. 2019. A entrevista foi gravada e editada pelos bolsistas Proex: Lucca Mezzacappa e Luis Augusto Menezes.

2. João Pedro Stédile é graduado em economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pós-graduação pela Universidade Nacional Autônoma do México e coordenador nacional Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Stédile fez parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e participa, desde 1979, das atividades da luta pela reforma agrária no País, pelo MST e pela Via Campesina. É autor e co-autor, de diversos livros, como: *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999, com Bernardo Mancano Fernandes; *Classes sociais em mudança e a luta pelo Socialismo*, com Francisco de Oliveira e José Genoíno. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000; *Ruy Mauro Marini: vida e obra*, com Roberta Traspadini. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005; *A questão agrária no Brasil: o debate tradicional - 1500-1960*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005; *A questão agrária no Brasil: o debate na Esquerda - 1960-1980*. São Paulo: Expressão Popular, 2005; *A questão agrária no Brasil: programas de Reforma Agrária - 1946-2003*. São Paulo: Expressão Popular, 2005; *Leituras da Crise*, com Marilena Chauí, Leonardo Boff et al. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006. Texto extraído da Wikipédia, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pedro_St%C3%A9dile>. Acesso em: 10 dez. 2019.

3. Site do MST, movimento fundado em 1984. Conteúdo sobre o movimento disponível em: <<https://mst.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

4. Segundo o site da Frente Brasil Popular, participam da Frente Brasil (siglas em ordem alfabética): Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT); Movimento dos Assalariados Rurais (Adere); A Marighella; Associação Nacional de Agroecologia (ANA); Associação de Advogados da União pela Democracia; Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG); Ainda MG; Associação dos Trabalhadores de Franca (ATRAF); Barão de Itararé; Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP); Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES); Centro Brasileiro de Solidariedade e Luta pela Paz (CEBRAPAZ); Central de Movimentos Populares (CMP); Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM); Movimento Nacional dos Quilombolas (CONAQ); Confederação Nacional de Entidades Negras (CONEN); Consulta Popular; Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB); Central Única dos Trabalhadores (CUT); ESTOPIM; FETRAF Brasil; Fora do Eixo; Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC); Fórum Político Interreligioso; Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB); Federação dos Metalúrgicos do RS; Fórum 21; Federação Única dos Petroleiros (FUP); Grupo ACONTECE – Arte e Política LGBT; INESC; Igrejas; Instituto Nacional do Meio Ambiente (INMA); Juventude Revolução; Levante Popular da Juventude; Marcha Mundial das Mulheres; Mídia Ninja; Movimento Camponês Popular (MCP); Movimento das Trabalhadoras e dos Trabalhadores por Direitos (MTD); Movimento de Luta por Terra (MLT); Movimento de Mulheres Camponesas (MMC); Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Movimento Nacional Contra Corrupção e pela Democracia (MNCCD); Movimento Nacional de Luta Contra o Neoliberalismo e Pelo Socialismo (MNLCLN); Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST); Movimento dos Trabalhadores Urbanos (MOTU); Movimento Nacional Pela Soberania Popular Frente à Mineração (MAM); Movimento Nacional de Rádios Comunitárias; Movimento da Reforma Sanitária Brasileira; Movimento das Pescadoras e Pescadores do Brasil; Movimento Fé Brasil; Nação Hip Hop Brasil; Pastoris Sociais; Rede de Médicas/os Populares; Rede Nacional de Advogados Populares (RENAP); Sindesp SP; Sindicato dos Eletricitários de Minas (Sindieletrô MG); Sindicato dos Engenheiros do Estado – RJ (SENGE-Rio); Sindicato Único de trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sindute MG); União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES); União Brasileira de Mulheres (UBM); União da Juventude Socialista (UJS); União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO); União Nacional de Estudantes (UNE); União Nacional por Moradia Popular (UNMP); Via campesina. Ainda, participam da Frente Brasil parlamentares e dirigentes de diversos partidos e correntes partidárias, como: PT, PCdoB, PSB, PMDB, PCO, PCML, Refundação Comunista e PDT. E também diversos intelectuais e jornalistas que atuam em diferentes espaços da mídia popular, e compartilham desse esforço. Frente Brasil Popular. Disponível em: <<http://frentebrasilpopular.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

5. FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renew/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em:

includentes, o que nos leva a retomar aqui as diretrizes extensionistas⁶, com destaque para a diretriz Interação Dialógica que:

orienta o desenvolvimento de relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. Não se trata mais de "estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade", mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática.

Esse objetivo pressupõe uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. Isto porque os atores sociais que participam da ação, sejam pessoas inseridas nas comunidades com as quais a ação de Extensão é desenvolvida, sejam agentes públicos (estatais e não estatais) envolvidos na formulação e implementação de políticas públicas com as quais essa ação se articula, também contribuem com a produção do conhecimento. Eles também oferecem à Universidade os saberes construídos em sua prática cotidiana, em seu fazer profissional ou vivência comunitária.

Para que a interação dialógica contribua nas direções indicadas é necessária a aplicação de metodologias que estimulem a participação e a democratização do conhecimento, colocando em relevo a contribuição de atores não-universitários em sua produção e difusão. São necessárias também a apropriação e a democratização da autoria dos atores sociais, assim como sua participação efetiva em ações desenvolvidas nos espaços da própria Universidade Pública. Por se situar no campo das relações, pode-se dizer que a diretriz Interação Dialógica atinge o cerne da dimensão ética dos processos de Extensão Universitária (PNEU, 2012, p. 17-18).

ENTREVISTA⁷

INTERFACES: Qual é a leitura que você e o MST fazem da crise que nós vivemos no Brasil e também no mundo atualmente?

STÉDILE: Como vocês podem imaginar, nós temos muitas relações internacionais e com amigos acadêmicos, com movimentos e com espaços de encontros internacionais. Hoje há um consenso entre todos que estamos vivendo uma

10 dez. 2019.

6. Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do estudante e Impacto e Transformação Social.

7. Na transcrição desta entrevista, nós reduzimos o conteúdo das perguntas para darmos destaque à fala do entrevistado.

grave crise estrutural do modo de produção capitalista. Não é apenas uma crise cíclica de algum setor ou de um país. Com relação a essa crise estrutural, sua origem e seu tempo, tudo indica, na minha opinião, que ainda há polêmicas sobre a sua natureza. Ela já vinha se ensejando desde o final do século passado e eclodiu em 2008, no centro, por aquela especulação imobiliária, e, como uma espécie de onda, chegou na periferia do sistema, eclodindo no Brasil em 2012. Como vocês sabem, desde 2012, a economia brasileira não cresce. Mas isso ocorre em todo mundo. Ela não cresce justamente porque é uma crise estrutural de todo o modo de produção capitalista e, por ser estrutural, em nossa leitura, ela superou a própria natureza econômica e se transformou numa crise social, porque o peso que os capitalistas estão jogando sobre as costas da classe trabalhadora para se salvarem é impressionante. Isso gerou o aumento da desigualdade social em todo o mundo. Uma coisa é você ficar desempregado na época do capitalismo industrial, em que havia o desemprego cíclico e que ainda havia a maior parte da população no meio rural. Era fácil as famílias se protegerem. Agora, com a maior parte da população de todo o mundo morando nas cidades, o desemprego é um flagelo. E nós nunca tivemos índices de desemprego tão elevados como agora. Nós nunca tivemos índices de migrações como agora.

Os jovens, sobretudo do Hemisfério Sul, estão migrando para o Norte: os africanos e os asiáticos vão pra Europa e os latino-americanos vão pros Estados Unidos. Também há sinais contundentes de que a crise econômica se transformou numa crise política. E, de novo, não é apenas pelo fato de os governos perderem representatividade para enfrentarem crises com novas políticas econômicas. O que nós achamos é que há uma crise do regime político ou do Estado burguês. Aquela forma de Estado de bem-estar social, de democracia burguesa, na qual tudo se resolvia pelo voto, fracassou. Fracassou por obra dos capitalistas, que não querem se submeter a uma lógica da maioria, pois sabem que para se salvarem precisam ter um Estado de exceção. Um Estado de exceção é: leis/normas que só beneficiam eles próprios e que jogue para a marginalidade a ampla maioria da população. Nesse contexto, como fruto dessas três crises – econômica, social e política – nós temos uma crise ambiental. Os capitalistas e as suas empresas se apropriam dos bens da natureza sem nenhum controle e isso gera enormes contradições físicas.

Eu estava lendo ontem sobre como nunca tínhamos tido antes um verão tão quente no hemisfério Norte (não só na Europa, mas em todo o hemisfério Norte). Isso já é o efeito das mudanças climáticas resultantes da agressão da natureza, seja pela apropriação dos bens da natureza, seja pela poluição gerada pelos descontroles que os capitalistas provocam. Por último, a nossa leitura é de que há também, resultante disso, uma crise de valores civilizatórios. A nossa geração, ao longo do século XX, foi educada, mesmo por essa hegemonia burguesa, sob a ótica de que as pessoas, para terem dignidade e progredirem na vida, e para resolverem os seus problemas na família, deveriam estudar e trabalhar. Então, todo pobre, todo trabalhador se dedicava a isso: a estudar e trabalhar. Agora não! O capitalismo, nessa fase de crise dominada

pelo capital financeiro, nem sequer precisa mais explorar a mão de obra, pois vive do rentismo. Então, o trabalho foi desdenhado. O trabalho virou coisa de otário. O trabalho foi precarizado. O trabalho só é apropriado no setor de serviços, ou seja, já na esfera da circulação dos bens e não na produção. Então, gerou-se uma hegemonia ideológica a qual é pregada para os pobres, para os jovens, para todo mundo, de que agora só se salva na base do individualismo e do egoísmo, e que você só vai ser feliz se consumir. Então, (o sistema) reduz as relações humanas ao consumo, a comprar mercadoria, e isso é gravíssimo, porque há um reducionismo da própria existência humana. É como se nós passássemos por esse planeta para comprar alguma coisa. Não, nós passamos pelo planeta para conviver com outros seres humanos, para ter uma vida harmônica. Claro, atendendo às necessidades materiais, mas vivendo bem, em harmonia com outras (pessoas). Se você começa a pregar o individualismo, o egoísmo e o consumismo, que são valores, falsos valores, anti-sociais, estes desagregam. Esse é o cenário do contexto histórico que nós estamos vivendo hoje.



INTERFACES: Como você analisa o papel dos movimentos camponeses nesse contexto sócio-histórico atual?

STÉDILE: Eu acho que há dois aspectos: o primeiro diz respeito às populações que vivem ainda no meio rural, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Nem todas são camponesas. Aqui no Brasil nós temos os povos indígenas, os quilombola e temos também outros setores da sociedade que não se identificam com a produção agrícola. O segundo aspecto diz respeito aos camponeses como classe. Todos eles estão na primeira trincheira do conflito com o capital, porque os capitalistas, para se salvarem da sua crise, tomam medidas, como

se apropriarem dos bens da natureza, visto que esses bens são os únicos que possibilitam aquilo que o capital faz: se apropriar de uma renda extraordinária que não é fruto do trabalho.

Então, a água está lá na natureza. Tem valor pela teoria da economia política, visto que não é fruto do trabalho humano. Porém, quando uma empresa vai lá, aprisiona essa água, bota dentro de uma garrafinha de plástico que custa "1 centavo", transforma essa água em mercadoria e vende por R\$5. Você percebe que só a água pode dar essa venda extraordinária de 0 para R\$ 5,00 com um custo mínimo da embalagem e do transporte? Esse exemplo pode ser aplicado para o petróleo, que, aqui no Brasil, dá 240% de lucro. Também para o minério de ferro, que a taxa de lucro envolve o custo de uma tonelada da Vale, que custa US\$15, e agora está sendo vendida a U\$100 cada tonelada de ferro que a empresa toma de vocês mineiros, sem deixar quase nada para a sociedade de Minas Gerais e do Brasil. Então, nenhuma fábrica de automóveis consegue obter tanto lucro. Por isso os capitalistas correram para os bens da natureza, para, com essa renda extraordinária, tentar acumular capital e sair da crise, não se importando com os efeitos devastadores para a população.

No auge da crise e do golpe que deram na Dilma, o ministro do Exército – General Villas Bôas – escreveu um artigo para o Valor Econômico e disse: "a crise brasileira se assemelha ao Titanic: nós estamos afundando e sem comando", quase que justificando o golpe. Escrevi um outro artigo, claro que o ministro não leu, mas completando essa metáfora. Eu disse: "não, general, você tem razão. Tá acontecendo igual ao Titanic, mas lembre-se que no Titanic, a primeira classe, a burguesia, se apoderou dos botes para se salvar e a segunda e a terceira classes morreram afogadas." É isso o que está acontecendo no Brasil. O que é a burguesia pegando os botes? É pegando os recursos da natureza, é pegando o Estado brasileiro, os recursos públicos, as estatais. Isso é o bote para ela se salvar.

Bom, então voltando à origem da sua pergunta: quem está lá, há séculos, há décadas, vivendo no meio da natureza? As populações locais, os camponeses. Então eles estão na primeira linha da ofensiva do capital. Aqui no Brasil, na África e na Ásia, os principais conflitos sociais acontecem justamente com essas populações. No caso da África, é justamente dessa população que os mais jovens fogem para a Europa, fogem na falta de alternativa. No caso brasileiro é mais patético, já que agora, com o capital patrocinado e protegido pelo governo Bolsonaro... isso agride as populações indígenas, agride as populações quilombolas. Assim, fruto dessa ofensiva, cria-se um barril de pólvora nessas áreas em todo mundo. No caso dos camponeses, há outros dois tensionamentos os quais estamos enfrentando que dizem respeito ao modelo de produção agrícola.

O agronegócio reproduz, de forma moderna, o que foi a plantation: grandes extensões de terra, monocultivo e commodities. No período colonial, eles tinham a escravidão. Agora, substituíram a mão de obra pelo agrotóxico e pela máquina. Mas isso não é o futuro. Primeiro porque não se produz alimento, é produzida uma mercadoria cheia de veneno. Segundo, pois não produz renda

para a sociedade local, porque é igual à plantation: é um modelo que se impõe a um território, extrai tudo o que pode e vai embora. Esse modelo entra em confronto com a visão do mundo camponês, do mundo camponês. É o que costumamos dizer: o agronegócio é um tipo de agricultura sem agricultores. Bom, a história da humanidade e da civilização é a produção de alimentos pelos agricultores, aqueles que sabem cultivar o agro. Se você rompe essa cadeia, no futuro, não haverá mais agricultores. Então, quem produzirá os alimentos? A máquina? O veneno? Então, há esse conflito de paradigma, de futuro, de visão de mundo. E há esse conflito, que se extrapola para toda a sociedade, do uso de agrotóxicos.

O agrotóxico não é uma necessidade agronômica. Eles dizem: "é necessário colocar agrotóxico no Brasil porque aqui a gente tem uma agricultura dos trópicos". Ah é? E por que os Estados Unidos e a China, que são países de clima temperado e frio, usam agrotóxicos? É o modelo que é assim, não é a temperatura ou o bioma. Então eles usam o agrotóxico para substituir a mão de obra. Mas tem uma contradição grave: o agrotóxico, além de desequilibrar o meio ambiente, pois mata, mata todos os seres vivos, menos a soja, menos o milho, menos o algodão. E ao matar toda a biodiversidade que há naquele território, a terra se desequilibra, visto que o regime de chuvas, a temperatura dos territórios são determinados pelos seres vivos, pelos vegetais, pelos animais que coabitam o território. São eles que determinam esse equilíbrio. Se você mata a toda biodiversidade e só deixa a soja, desequilibra o território. Assim como desequilibra a água. A água tem o mesmo volume em todo o planeta, porém ela se desloca (pela chuva, pela evaporação ou dentro do grão). E com o modelo do agronegócio está havendo uma transposição compulsória de bilhões de litros de água potável. E há territórios imensos que deixam de ter possibilidade de vida humana porque não tem mais água: na África, na Ásia e até aqui mesmo, no Brasil.

Vocês se lembram do conflito em Correntina? Qual foi a causa daquele conflito? Ele explodiu pois uma empresa do agronegócio de origem japonesa, com seus poços artesianos, estava secando o lençol freático e acabou com a água da cidade. Daí a população se rebelou. Então, os camponeses estão enfrentando, com o agronegócio, a forma de produzir os alimentos. A nossa sorte é que o modelo do agronegócio é contraditório, pois destrói a biodiversidade, e porque dentro do alimento produzido irá uma dose cada vez maior de veneno. O veneno, pelo que os biólogos e médicos nos explicam, vai se acumulando sistematicamente no organismo, provocando a formação de tumores, câncer. Por isso o câncer tem aparecido na juventude, em crianças. Antigamente, o câncer era um tipo de doença que só acometia pessoas mais idosas, visto que as células envelhecem e não se regeneram. Agora, todo mundo tem câncer, fruto da ação do glifosato – fato comprovado por pesquisas em universidades européias –, que é a matéria-prima de todos os venenos. Por isso, vários países já proibiram o uso do herbicida. Existe um acordo firmado pela União Europeia para eliminar, em 7 anos, em toda a Europa, o seu uso. Bom, o que as indústrias estão fazendo? Estão transferindo os estoques, ainda existentes, para o Brasil,

para as Américas, para poderem lucrar.

O meu modo de entender, hoje, o conflito maior do campesinato com o capital e o com agronegócio não é mais apenas a disputa pela propriedade da terra, o que balizou o conflito no século XX. O movimento camponês, diante disso, tem também que se atualizar. Como nós dizemos: no período do século XX, a palavra de ordem que simbolizou a luta camponesa foi: terra para quem nela trabalha. Aqui no Brasil, foi trazida inclusive pela CPT, pela igreja católica. O sentido da luta era: eu preciso de terra para trabalhar, para manter minha família. Isso foi no século XX. Agora, os camponeses têm que lutar pela terra não como propriedade, não como trabalho, mas sim lutar pela terra para conseguir produzir alimentos saudáveis para a sociedade. Do contrário colocamos em risco a vida humana em várias regiões do território brasileiro, das grandes cidades e do planeta. Nesse sentido, há uma mudança paradigmática. Nós do MST dizemos: vamos continuar lutando pela terra, mas com o objetivo principal de produzir alimentos saudáveis, e não pela terra somente para trabalhar.



INTERFACES: Como você compreende a experiência da relação entre universidade e os movimentos sociais, como o MST?

STÉDILE: Primeiro, uma crítica: a universidade brasileira é muito elitizada. Isso muito por sua história. Enquanto em outros países da colônia espanhola nós tínhamos universidade desde o século XVI, XVII, aqui, no Brasil, as primeiras universidades datam do século XX. A primeira universidade pública foi inaugurada somente em 1930. Uma vergonha. A nossa universidade já nasceu elitista. Nasceu voltada para formar uma elite, não para formar os trabalhadores, a população em geral. Então, há um DNA intrínseco à forma das universidades

atuarem e olharem o povo que está aquém da sua missão histórica. Há uma segunda crítica: a universidade, por esse DNA, nunca conseguiu se universalizar. O máximo que a burguesia se predispos foi universalizar o Ensino Fundamental. Estamos quase universalizando também o Ensino Médio. Eu mesmo só estudei porque a minha geração foi fruto do, talvez, principal governo de esquerda que nós já tivemos no país: o governo do Leonel Brizola, de 1958 a 1962. Ele universalizou o Ensino Fundamental em todo o Rio Grande do Sul. Eu levava 8 km para ir à escola, à cavalo. Quando chovia, não dava pra ir. O governo Brizola botou uma escolinha em todas as comunidades. Foi uma redenção. Desapareceu o analfabetismo no Rio Grande do Sul. Isso foi a base da possibilidade de uma sociedade mais democrática.

O paradigma principal da relação com a universidade é a missão de universalizar os conhecimentos, pois estes são fundamentais para a democracia. Não é o voto, é o conhecimento. Como dizia José Martí no início do século XX: só o conhecimento liberta as pessoas. Se você não tem conhecimento, você vai ficar dependente de alguém até pra votar. Foi o que aconteceu inclusive nas últimas eleições, quando milhões de brasileiros foram manipulados através do WhatsApp, pelo pastor, pela Globo etc. Os brasileiros votaram contra si mesmos. É óbvio que nós, dos movimentos camponeses – falando do meu campo, sabendo também que isso pode se estender para movimentos populares no sentido genérico –, nas últimas décadas, ou pelo menos nos últimos dez anos, incorporamos em nosso programa a luta pela educação, a luta pelo conhecimento. Nesse sentido, aí está o papel da democratização da universidade. Na atualização do programa camponês, além da luta pela terra, pelo alimento, incorporamos a luta pela educação, em todos os níveis. Claro, em alguns estados já está universalizado o ensino fundamenta. Porém, temos estados como Maranhão em que 60% dos camponeses são analfabetos. E esse também é um problema para a universidade. Para mais ser justo, é um problema do MEC. Mesmo no governo Lula e Dilma, o MEC, com sua tradição elitista, foi um ministério da educação superior. Ao invés de MEC deveria ser MES, Ministério da Educação Superior, pois esse ministério não se preocupa com os mais pobres. Quantas reuniões nós tivemos com Haddad para fazermos um programa de alfabetização? Mas não essas merrecas de ONG. Um programa que se propõe a erradicar, em 4 anos, o analfabetismo no Brasil. Isso tem que se dar na forma de campanha, como sonhava o Paulo Freire: mobilizar milhões de pessoas, de educadores. A universidade deveria se dedicar a isso: a desenvolver métodos, preparar professores e monitores.

Na época de Paulo Freire – já que as novas gerações não acompanham –, em março de 1964, ele chegou a fazer uma reunião em convênio com a UNE, no Maracanã, na qual participaram 80 mil estudantes que estavam se candidatando a serem monitores da alfabetização. Ora, isso é o que promove uma revolução educacional, mobilizar 80 mil monitores. A universidade, quando se trata de alfabetização, não se pronuncia. A universidade pode e deve cumprir um papel na reconstrução do país. O conhecimento, a educação serão fundamentais para a construção de uma sociedade igualitária.

Porém, pra ser possível organizar uma sociedade baseada na igualdade dos seres humanos ou na igualdade dos cidadãos, todos devem ter acesso ao conhecimento, educação em todos os níveis. A universidade foi a que menos se universalizou. Mesmo no governo Lula, saltamos de 4 para 12% da população juvenil em idade universitária. Não é preciso socialismo para chegar a isso. É uma questão de democracia. Na Coréia do Sul, 97% da população tem acesso à universidade. Mesmo na Bolívia, 60% da população juvenil em idade universitária está na universidade. No México, quase 100%, pois a universidade é pública e não tem vestibular. Sendo assim, as pessoas entram para a universidade. No Uruguai, a mesma coisa. Então, não estamos pedindo revolução, estamos pedindo democracia.

No período Lula e Dilma – pra ser justo, começando com o Fernando Henrique – conseguimos implementar vários programas que tinham a intenção de democratizar o acesso à educação, com esse perfil particular que diz respeito ao nosso movimento: garantir que o jovem, filho de camponês, chegasse à universidade. Visto que essa é a nossa missão. Avançamos em vários programas que, na minha opinião, até pelo curto prazo de tempo e pela falta de recursos, se transformaram apenas em projetos-piloto. Nesse particular, inclusive, não quero fazer nenhuma injustiça, pois vocês aqui de Minas deram uma contribuição muito importante. Vários desses projetos-piloto, que se ampliaram depois em outras universidades, tiveram seu berço aqui: o Pronera, a pedagogia da terra, os cursos de CRB e os cursos de especialização latino-americana para camponeses, em Juiz de Fora, com a então reitora Margarida Salomão que nos ajudou muito na época, também a experiência de vocês com a licenciatura para os povos indígenas, que é exemplar.

Infelizmente, com o golpe contra a Dilma, não foi possível universalizar, mas eu acredito que nós já temos o conhecimento, pelo menos metodológico, de como fazer certo quando tivermos um outro tipo de governo no país, para, então, universalizar o que foi o Pronera, o que foram essas licenciaturas, e outras áreas que também não conseguimos avançar tanto. A universidade está em dívida conosco, como, por exemplo, na área de pesquisa tecnológica. Às empresas não interessa pesquisar máquina para camponês, visto que hoje estão voltadas ao modelo do agronegócio. E para esse modelo é a escala que importa. Sendo assim, vão aumentando o tamanho das máquinas: colheitadeiras de algodão do tamanho de uma casa, no Mato Grosso, substituem trezentos trabalhadores, tratores com 300HP de força etc. Na safra de cana deste ano, a Volvo experimentou um caminhão que transporta, sem motorista, 60 toneladas de cana. O caminhão é dirigido no escritório, como se fosse um videogame. Então, para isso que são voltadas as pesquisas do agronegócio.

O que precisamos é do desenvolvimento da mecanização agrícola, o que é importante para diminuir o sacrifício humano e aumentar a produtividade do trabalho. Porém, desenvolver uma mecanização agrícola voltada para as unidades camponesas. É o que fazem, por exemplo, a Alemanha e a China. São esses os dois países do mundo que possuem mais máquinas desenvolvidas para camponeses. Aqui no Brasil temos alguma coisinha lá no Sul, até porque

a sociedade da região é mais minifundiária. Esse também é o papel que cabe à universidade, visto que não há instituições de pesquisa suficientes no Estado brasileiro. A própria EMBRAPA não tem a linha da mecanização. Em um novo ciclo, teríamos despendido muita energia, muito recurso humano para desenvolver a mecanização agrícola voltada para a agricultura familiar e camponesa. Todas as operações humanas na agricultura, pela experiência que já estamos vendo na Alemanha e na China, são possíveis de serem mecanizadas. Aqui mesmo, no Sul de Minas, a Stihl adaptou uma máquina que na Alemanha é usada pelos camponeses para colher abóbora. Eles trouxeram e adaptaram pra colher café. Só que por aqui é utilizada pelo agronegócio, substituindo a mão de obra. Esse é o tipo de máquina que o pequeno agricultor deveria ter, pois proporciona a ampliação da sua lavoura de café com a mesma família. Por que o pequeno produtor não aumenta o cultivo de café? Porque problemas surgem na hora da colheita. Não possui mão de obra para colher uma lavoura grande (10 hectares de café). Então, ele só reduz. Note como uma máquina produz uma mudança na organização do trabalho, mesmo do camponês.

INTERFACES: Continuando essa questão da relação entre universidade e movimentos sociais, gostaríamos que você falasse do projeto Brasil Popular.

STÉDILE: O Projeto Popular para o Brasil é um sonho que várias correntes dos movimentos populares e partidos dos movimentos de esquerda alimentamos: a construção de um programa baseado no conhecimento científico e baseado nas necessidades da população. Qual é o dilema que enfrentamos? Os programas no Brasil são afetados por duas enfermidades: a primeira é que os partidos só pensam em programa na hora da eleição. Acabada a eleição, os programas são guardados na gaveta de novo. Não há um compromisso real do programa com a política. O segundo problema que enfrentamos, de outras forças de esquerda é a confusão que se estabelece entre o programa e a doutrina do partido. A doutrina do partido é justa, legítima e necessária para orientar ideologicamente seus militantes para o tipo de sociedade com a qual você sonha. Porém, um projeto de país tem que responder às necessidades atuais, imediatas, que ajudem a organizar a população para enfrentá-las. Temos que superar também essas duas enfermidades que acometeram a esquerda: a de não cair no oportunismo pragmático da eleição, nem no doutrinarmismo: só o socialismo salva. Bom, isso até Jesus Cristo dizia, mas não resolveu, né?

Pensar em um projeto para o Brasil é uma tarefa difícil, pois não é uma tarefa somente intelectual. Ela tem que se basear em conhecimento científico que nos ajude a entender a realidade, as contradições, o núcleo das causas dos problemas e, ao mesmo tempo, apresentar soluções, sabendo que as soluções só virão, de novo, com a conjugação desse conhecimento com a mobilização popular. Ou seja, a implementação de um projeto de país não depende de um governo. É claro que o Estado terá que se mobilizar, mas se não houver uma mobilização popular para a implementação do projeto, ele não acontece. Então, nós estamos nesse exercício, meio idealista às vezes, lutando contra os

cata-ventos, mas é uma energia necessária para ir acumulando conhecimentos e convencimentos para que, em determinado tempo histórico, quando as massas se mobilizarem para fazer mudança no Brasil, poderemos conjugar a mobilização popular com o conhecimento que foi sendo acumulado. Esse é o esforço de dezenas, centenas de intelectuais orgânicos, que têm compromisso com o povo, estão em ação em todo o Brasil, procurando entender a nossa realidade, procurando elaborar propostas programáticas que possam resolver o problema estrutural da sociedade brasileira. Às vezes avançamos um pouquinho mais, às vezes recuamos.

Partindo da crítica que fiz sobre os períodos eleitorais, nos quais deveria ser muito mais fácil discutir programas, o projeto de país recua, porque querem discutir programas eleitorais. Mas a contradição para quem só pensa nisso se dá pela data restrita do período eleitoral. No mês de novembro inteiro a pauta de um projeto para o país volta, pois os programas eleitorais terminam em outubro.

Estamos tentando acumular conhecimento e aglutinar pensamento crítico, que é o que falta na nossa sociedade, até que um tempo histórico das mobilizações populares coloque na ordem o tipo de projeto que queremos. Foi assim na história do Brasil: só se discutiu projetos no auge de crises e sob mobilização popular. Foi assim no auge da mobilização com a Coluna Prestes, até 1935, depois, no pós-guerra, depois 1964, 1980 a 1989. Temos que ter um pouco de paciência, porque um projeto de país não acontece somente por meio de elaboração teórica. É a construção coletiva na sociedade que é mais demorado. Mesmo na universidade é difícil, vocês sabem disso.

“Eu tenho a obrigação de dizer isso, porque não serão homens com mais de sessenta, branquelos e com pouco cabelo como eu que farão as mudanças. É tudo o contrário. Será a juventude com cor, da periferia, feminina, que fará as mudanças” (STÉDILE, 2019)

Tentamos fazer um acordo com a Andifes e eles se dividiram. No final, o projeto foi pra votação e nós perdemos. Qual era a nossa proposta? Que os reitores assumissem esta tarefa: discutir coletivamente, construir um pensamento crítico para sair da crise que não é só brasileira. Se as reitorias abraçassem essa causa, facilitaria a mobilização do corpo docente e o envolvimento por parte dos estudantes, mas não foi possível, pois na época que propomos o acordo com a Andifes, período eleitoral estava se aproximando. Alguns disseram que existia um partido por trás. Assim, como respeitar os reitores? Agora, estou com uma pequena esperança, visto que o período eleitoral terminou, e o novo presidente da Andifes é uma pessoa simpática a esse tipo de debate – João Carlos

– acredito que pode gerar um clima favorável. O governo Bolsonaro também vai nos ajudar, porque esse ataque à educação e às universidades vai levar com que os reitores percebam: ou pensamos o país de uma forma diferente ou as universidades estarão ameaçadas, não somente pela disputa de verbas.

INTERFACES: 12 de agosto 2019, Marcha das Margaridas: mais de 100.000 trabalhadoras rurais nas ruas. Como você pensa mobilizações como essas articuladas com as lutas maiores?

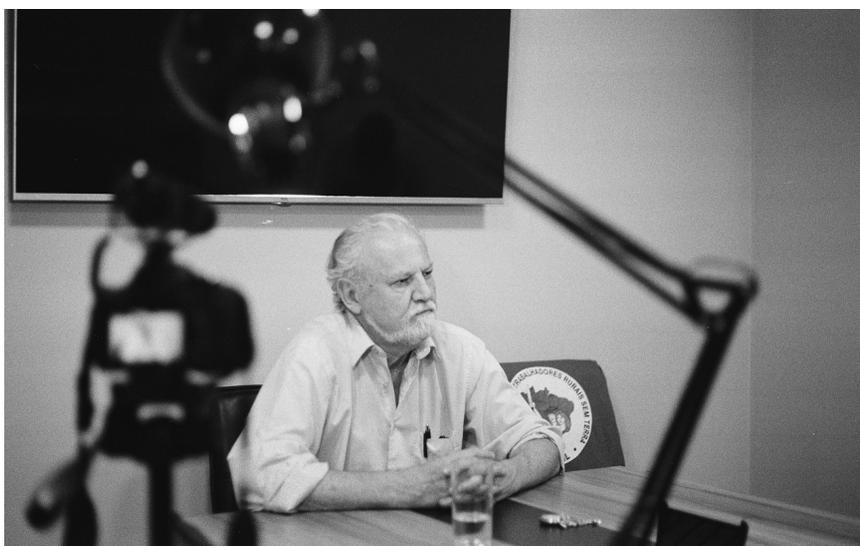
STÉDILE: Primeiro vou começar com uma frase de efeito, como diria o Darcy Ribeiro e o Milton Santos: as mudanças brasileiras serão mulatas. Têm cor, não serão branqueadas. A imensa maioria do nosso povo é mestiça, existe uma pluralidade étnica. Segundo, diante dessa crise que envolveu a classe trabalhadora, sobretudo a classe fabril, e diante de tantas contradições que misturam a crise e esses dilemas civilizatórios, emergiu, como um poder, um ator rebelde, as mulheres, em todo mundo. Possivelmente, as próximas revoluções serão também femininas, pelo menos com o protagonismo das mulheres. E, por último, como uma reflexão geral: é sempre a juventude que faz as mudanças. Eu tenho a obrigação de dizer isso, porque não serão homens com mais de sessenta, branqueados e com pouco cabelo, como eu, que farão as mudanças. Pelo contrário, será a juventude de cor, da periferia, feminina, que fará as mudanças.

A esquerda tem que atualizar seus modos de organizar a população. Essa semana fiquei muito contente de ler uma entrevista que o Márcio Pochmann deu para o Portal da Unisinos. Ele disse: nós temos que repensar as formas de organização⁸, pois as formas com que a esquerda se desenvolveu nos últimos 20 anos eram para uma sociedade fabril, com o protagonismo do operário metalúrgico, da Fiat, que hoje até saiu do sindicato. Na última visita que eu fiz aqui, alguém me disse que 5% dos trabalhadores da Fiat são filiados ao sindicato. É uma vergonha, até porque lá em Turim, que representava uma base comunista importante, 98% dos operários da Fiat são sindicalizados e filiados ao partido. Aqui vemos o inverso. Bom, são tempos históricos diferentes, né? Só quis comparar com Turim não porque na Europa é melhor, mas porque quando surgiu a Fiat, havia essa base operária organizada com partidos, que disputava a hegemonia. Quando a empresa veio para o Brasil, já estávamos sem entender essa mudança estrutural da classe trabalhadora.

Temos esse desafio: pensar novas formas, novos atores, estimular novos protagonistas. Olhando para a realidade a gente enxerga que a população é negra, mestiça, jovem, mulher. Então, se as mudanças são feitas pelas majorias, serão eles que farão. Porém, vamos ser honestos, eles ainda estão desorganizados. A Marcha das Margaridas, que é uma manifestação importante, foi construída historicamente pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pela mulher na

8. MÁRCIO POCHMANN. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592901-em-40-anos-brasil-tem-duas-decadas-perdidas-entrevista-especial-com-marcio-pochmann>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

agricultura familiar. Depois de alguns anos, a Marcha Mundial das Mulheres se incorporou, digamos, no feminismo urbano familiar, mas ainda de uma forma subalterna. O que me admirou esse ano é a amrcha não ter pauta, pois não tinha com quem negociar. Então elas foram obrigadas a politizar a luta. A principal bandeira que vi não agradou a todos e a todas, mas claro, a principal bandeira democrática da Marcha esse ano foi "Lula Livre", e também os direitos da previdência, que atingiu diretamente as mulheres do campo. Então foi politizada. Distanciou-se da marchinha, uma pauta com 38 pontos para entregar para o governo. Este promete que irá fazer, depois engaveta as reivindicações, e as mulheres vão embora. Acredito que a marcha desse ano teve um componente de politização muito importante. Mais do que politização – que é uma palavra mal utilizada pela esquerda – teve um componente de elevação educacional dessas massas, visto que não se reúnem 100.000 pessoas todos dias.



INTERFACES: De fato a mobilização popular é fundamental em momentos como o período atual. Você considera possível a construção de frentes e de uma organização internacional?

STÉDILE: Não só é possível, como é necessária. Há uma metamorfose nas articulações internacionais. No século XX, o capitalismo industrial, as formas de articulação do povo eram mobilizadas por categorias. Os operários se organizavam, os partidos se organizavam, as mulheres se organizavam, os estudantes se organizavam. Agora, estão todas misturadas pelo capital. O capitalismo agora deixou de ser industrial para se financeiro e globalizado. Este cenário exige novas formas de articulação, que nós ainda estamos Tateando. Havia a organização dos movimentos camponeses de uns 100 países. Ainda estamos sob a última do período anterior, que foi em 1996, e é a primeira desse período.

Nunca antes os camponeses tiveram a necessidade de uma articulação internacional. Agora, você pergunta: quem é o inimigo principal dos camponeses na Índia? A Monsanto. Nos EUA? A Monsanto. No Brasil? A Monsanto, a Nestlé, a Bayer, a Basf. Os inimigos capitalistas são os mesmo em todo o mundo e isso obrigou os camponeses a se juntarem. Da mesma forma que antes, não digo como crítica, pois teve seu papel, a Federação Internacional Democrática das Mulheres era uma articulação, mas digamos que mais burocrática. Agora, nós precisamos de um feminismo popular atuante. Não basta fazer eventos internacionais. Qual é o dia da mobilização contra as mudanças climáticas? Qual é esse evento que ninguém deu bola: a Greve das Mulheres de um dia? Isso é fantástico. Na Argentina, elas estão ainda mais politizadas que nós, e fazem mobilização das mulheres com muita gente, todos os anos. Nós estamos nessa etapa, construindo articulações que perpassem pelas categorias, e, ao mesmo tempo, consigam dar respostas sobre o enfrentamento com capitalismo financeiro e globalizado.

Claro que sempre há tensões, porque tem gente que ainda quer continuar como antigamente, e muitos não sabem o que pode acontecer, nós também. Ninguém sabe qual é a melhor forma. A forma não importa, o que importa é a necessidade de construirmos articulações internacionais, para a luta. Temos que superar aquele burocratismo de só fazer evento, o que acabava configurando turismo sindical ou turismo político. Agora, não adianta mais realizar somente conferências. Foi isso que inclusive esgotou o processo do Fórum Social Mundial. O evento, do qual o MST é um dos promotores, desde a sua origem, teve um papel ideológico importante no confronto com neoliberalismo, mas não teve capacidade de dar o passo seguinte: o de pensar o que fazer em conjunto. Agora, estamos tentando com a articulação latino-americana que chamamos de Alba⁹, tentando com a Assembleia Internacional dos Povos, mas são tentativas. Se vai dar certo, não sabemos, mas sabemos que existe essa necessidade. Assim também acontece nos meios de comunicação. É preciso interligar mais os meios de comunicação que estão sobre a hegemonia da classe trabalhadora. Não é mais possível cada um ter seu boletim sindical, porque uma luta no Haiti tem tudo a ver com a luta da classe trabalhadora brasileira. O problema do Haiti não se resolvendo, os migrantes vão disputar trabalho nos frigoríficos com os operários brasileiros, como já fizeram. Os dois serão explora-

9. O link para o site do Alba Movimentos é: <http://www.albamovimientos.org/?fbclid=IwAR3551D_svN8VD5v7y3Ac-MkV6UtzXw1QA2qTLTfCCTXsgfozCLX_nzfvXfo>. Segundo texto no próprio site:

"La Articulación de Movimientos Sociales y Populares hacia el ALBA - ALBA Movimientos- es una plataforma de organizaciones unidas detras de integración continental y la construcción de un proyecto político emancipatorio para los pueblos de la Patria Grande que represente toda la riqueza que es la diversidad de la lucha anticapitalista, antiimperialista, anticolonialista, antirracista, feminista, ecosocialista por un socialismo indo-afro nuestro americano. Esta iniciativa tiene como referente el emerger de las resistencias sociales en los años noventa contra los ensayos neoliberales y las políticas propagadas por el Consenso de Washington, así como la campaña contra el Área de Libre Comercio de las Américas (ALCA). Ese proceso motivó la alianza entre diversos actores en nuestros países y abrió el camino a la superación de las luchas sectoriales y temáticas para el impulso de la integración desde abajo, basada en proyectos solidarios entre nuestros pueblos, que representen una alternativa al capitalismo.". Fanpage do ALBA Movimentos no Facebook, disponível em: <https://www.facebook.com/pg/albamov/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 10 dez. 2019.

dos, pois o salário vai abaixar. Então, o Haiti não é um problema de etnia, é um problema da classe trabalhadora, do povo. Trata-se de um grande movimento internacional de solidariedade. Sem a colaboração de forças internas, é impossível eles romperem (isso como ilustração). Já os meios de comunicação têm que dar notícia do Haiti, têm que dar notícia de tudo. Os meios de comunicação que estão sob nossa influência têm que se internacionalizar também, e esse é esforço é o Tricontinental¹⁰, um instituto de pesquisa que aglutina pesquisadores do Hemisfério Sul. Por que do Hemisfério Sul? Há uma intencionalidade: o pensamento crítico na Europa e nos Estados Unidos ruiu, ou foram influenciados pelo pós-modernismo, ou foram influenciados pelo individualismo. Então é difícil contar, ainda que exista, com David Harvey, os marxistas da escola, historiadores britânicos que nos ajudam muito, mas como continente, o Hemisfério Norte, não tem produção de pensamento crítico de forma articulada. Sendo assim, nosso esforço, pelo menos no primeiro momento, é estimular a interação entre esses pesquisadores comprometidos, que queiram mudanças pós-capitalistas. E tivemos essa bela descoberta desse grande intelectual que é o Vijay Prashad, de origem indiana, marxista, que se propôs a ajudar a organizar essa articulação.

“Eu espero que ressurja um poderoso movimento de massas que consiga, então, alavancar um novo projeto de país que resolva os problemas fundamentais da nossa população, seja de trabalho, de moradia, de terra, de educação.” (STÉDILE, 2019)

INTERFACES: Para concluir, gostaríamos de te ouvir sobre os movimentos na história brasileira e uma reflexão sobre persistência e a esperança nas lutas sociais.

STÉDILE: Esses fenômenos fazem parte desse período histórico de uma crise profunda, a qual afeta toda a vida social. Porém, o que nos salva é que ainda que o capital tenha imposto, em vários países, governos de extrema direita, como Bolsonaro e Macri, como Salvini, na Itália, e outros países, isso já é a demonstração do fim da linha. As propostas dos governos de extrema direita não são para a sociedade, não são progressistas. Eles representam o símbolo do atraso, e, por isso, esses métodos são métodos do atraso. Eles não conseguem galvanizar a maioria da sociedade, em parte alguma, e, por isso, tenho certeza

10. O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social é uma instituição internacional, orientada pelos movimentos populares, focada em estimular o debate intelectual para o serviço das aspirações do povo. Disponível em: <<https://www.thetricontinental.org/pt-pt/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

absoluta, por toda a minha militância, por tudo o que eu já li, que será um governo muito efêmero. Não se assustem, isso vai passar, como diria Chico Buarque. Então, não podemos perder a esperança, cair no desespero, ficarmos reclusos em nosso egoísmo.

Temos uma tarefa permanente, que é a de fazer disputa ideológica em todos os espaços que convivemos, denunciar esse plano do capital, fazer trabalho de base, que significa convencer os trabalhadores, organizar lutas de massas. Tenho certeza que esse governo, com essa natureza, passará muito rápido. Como você mesmo já citou, parecia que a Argentina, que realizou um processo eleitoral inclusive muito mais democrático do que o nosso, sem fake news, eles já deram o troco. A eleição que vai se confirmar em outubro, dos peronistas¹¹, vai alterar a correlação de forças na América Latina. A eleição de López Obrador, nas barbas do capital, alterou a correlação de forças na América Central. Também há a resistência do povo da Venezuela, eles estão enfrentando tudo e não conseguem os derrotar. Isso demonstra que há energias populares resistindo, e que vamos ser vencedores. Porque, ao contrário do pós-guerra, em que o capitalismo sinalizava melhorias para a classe trabalhadora, agora ele não tem nada a oferecer. Nem sequer quer nos explorar com o trabalho, com o emprego. Diante disso, não tenho dúvida nenhuma que esse tipo de política, esse tipo de burguesia, que assaltou os estados, terá uma vida útil muito curta e será jogada na lata de lixo logo logo. Espero que ressurgja um poderoso movimento de massas que consiga, então, alavancar um novo projeto de país que seja capaz de resolver os problemas fundamentais da nossa população, seja de trabalho, de moradia, de terra, ou de educação. Então, não desanimem, que o futuro a nós pertence.

11. Alberto Fernández e Cristina Kichner venceram as eleições na Argentina no final de outubro de 2019. Um mês após a entrevista.

REFERÊNCIAS

ALBA MOVIMENTOS. Disponível em: <http://www.albamovimientos.org/?fbclid=IwAR3551D_svN8VD5v7y3AcMkV6UtzXw1QA2qTLtFcCTXsgfozCLX_nzf-VXf0>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FORPOREX. Política Nacional de Extensão Universitária. 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FRENTE BRASIL POPULAR. Disponível em: <<http://frentebrasilpopular.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FORPOREX. Política Nacional de Extensão Universitária. 2017. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

INSTITUTO TRICONTINENTAL. Disponível em: <<https://www.thetricontinental.org/pt-pt/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MST. Disponível em: <<https://mst.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

POCHMANN, MÁRCIO. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592901-em-40-anos-brasil-tem-duas-decadas-perdidas-entrevista-especial-com-marcio-pochmann>>. Acesso em: 10 dez. 2019.